

**CONCURSO PÚBLICO**  
**MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES**  
**CARGO: TERCEIRO SECRETÁRIO DA CARREIRA DE DIPLOMATA**  
**PROVA DISCURSIVA – TERCEIRA FASE**  
**GEOGRAFIA – QUESTÃO 1**

Aplicação: 7/10/2017

**PADRÃO DE RESPOSTA DEFINITIVO**

1 A norma, criada nos anos 1970, limitava a maioria das famílias chinesas a ter apenas um filho, apesar de haver exceções. A política do filho único teria impedido cerca de 400 milhões de nascimentos desde que teve início, segundo estatísticas do governo chinês. Este número, no entanto, é contestado por outros especialistas. Em 2007, a China afirmou que apenas 36% de seus cidadãos estavam limitados a apenas um filho, por causa de diversas mudanças na política feitas com o passar do tempo. Na medida em que a população chinesa se aproximava de 1 bilhão de pessoas, no final dos anos 1970, o governo começou a se preocupar com o efeito que isso teria em seus ambiciosos planos de crescimento econômico. Apesar de outros programas de planejamento familiar – que ajudaram a reduzir a taxa de nascimentos – já terem sido implementados, o líder chinês Deng Xiaoping decidiu tomar medidas mais drásticas. De um modo geral, o governo oferece incentivos financeiros e profissionais para os que se adequam à política, além de disponibilizar contraceptivos e multar quem descumpra as regras. Mas, em alguns momentos, medidas coercivas, como abortos forçados e esterilizações em massa, também foram usadas. A política foi implementada de maneira mais rígida em áreas urbanas. Ativistas na China e no Ocidente afirmaram que a política era uma séria violação dos direitos humanos e das liberdades reprodutivas. A preferência tradicional por filhos homens na cultura local combinada à política do filho único levou ao alto índice de abandono de meninas em orfanatos, a abortos seletivos de acordo com o sexo do feto e até mesmo casos de infanticídio feminino. Por causa disso, o equilíbrio de gênero do país pende para o masculino.

2 Mas a China mudou nestes 40 anos e, com ela, mudaram as pessoas que hoje estão em idade reprodutiva. Por mais que os costumes ainda prevaleçam e o casamento continue sendo valorizado, homens e, sobretudo, mulheres têm optado pelas suas carreiras profissionais. Temem por sua segurança no mercado de trabalho. Além disso, ficou caro ter filhos na China, ainda mais para quem já tinha um. Escolas e saúde não são gratuitas e podem custar muito dependendo da cidade e do tipo de instituição escolhida pelos pais. A manutenção de crianças pesa no orçamento das famílias, que têm preferido continuar investindo mais e melhor em um único filho. Dezenas de milhares de filhos da chamada nova classe média vão estudar no exterior, principalmente nos Estados Unidos, onde vão aprender inglês e se preparar para um mercado de trabalho cada vez mais competitivo. No ano letivo 2015-2016, 328.547 chineses frequentavam faculdades e universidades americanas (reconhecidamente caras), um recorde histórico, segundo dados do Instituto de Educação Internacional. Nas áreas rurais, é comum os pais terem de deixar as suas cidades natais em busca de melhores empregos nos grandes centros urbanos para proporcionar uma vida melhor aos filhos. Estima-se que o fluxo migratório chegue a 100 milhões de pessoas. A partir dos anos 80, com a abertura da economia chinesa ao capitalismo e a crescente participação deste país na economia mundial, a China passou por um processo acelerado de migração do campo para a cidade. Apesar de ainda ter uma enorme população no campo, o país se urbanizou e uma crescente classe média se consolidou no país. Com o aumento do padrão de renda no país, a quantidade de filhos por casal diminuiu ainda mais.

3 A previsão da Academia Chinesa de Ciências Sociais é de que a população chinesa atinja o seu ápice em 2025, com 1,41 bilhão de pessoas, para começar a cair e voltar a 1,3 bilhão em 2050. Para o Partido Comunista, isso deve ter impacto direto sobre o desenvolvimento do país. E essa teria sido a principal razão para flexibilizar a política do filho único instituída na década de 1980. Com o envelhecimento da população, aumentará também a pressão sobre as pessoas que vão precisar trabalhar para sustentar o exército de chineses que estarão aposentados. O governo pensa em adotar outras reformas capazes de contornar a questão demográfica dos próximos anos e estimular o aumento da população. Enquanto isso, a mídia chinesa já registra cidades em que a política das administrações regionais passou a ser a de incentivar os pais a procriarem. A agência estatal Xinhua afirmou ainda, no ano passado, que vários governos locais tinham recebido a tarefa de criar estímulos para as mulheres engravidarem. Ao longo do ano passado, várias cidades, inclusive as maiores, adotaram leis para ampliar, por exemplo, a licença-maternidade. Especialistas alertam que a China será a primeira economia a envelhecer antes de tornar-se mais rica, principalmente por causa da política do filho único. Até 2050, mais de um quarto da população terá mais de 65 anos. A taxa de fertilidade do país é uma das mais baixas no mundo e fica bem abaixo do índice de 2,1 crianças por mulher – necessário para substituir a população a cada geração. O envelhecimento da população chinesa irá desacelerar a economia, à medida que o número de pessoas em idade ativa diminui e a proporção entre contribuintes e pensionistas continua a cair. Em 2013, as regras haviam sido modificadas para permitir que casais tivessem um segundo filho se um dos pais fosse filho único, mas menos casais do que o governo esperavam aderiram ao novo sistema. Outro relaxamento das regras nos anos 1980 permitiu que famílias da zona rural tivessem outro filho se seu primeiro filho fosse uma menina. Minorias étnicas chinesas também não eram submetidas à política do filho único. O êxodo rural acelerado faria crescer ainda mais as cidades, muitas das quais já ultrapassam os cinco milhões de habitantes, aumentariam os problemas sociais e a poluição atmosférica que já atinge níveis preocupantes. O excesso de força de trabalho sem qualificação ameaça o equilíbrio social nas cidades", advertia já, há uma década, um diário suíço liberal, sempre favorável às reformas desta orientação. Embora haja um aumento geral do nível de vida, essas pressões só vêm a agravar as desigualdades sociais já bem pouco compatíveis com o ideal "socialista", ainda que seja "socialista de mercado". Segundo dados oficiais, o coeficiente *Gini* teria aumentado de 0,21, em 1978, para cerca de 0,45, atualmente. Entre a cidade de Xangai e a província mais pobre de Guizhou no sul do país, a diferença de renda *per capita* é de 10 para 1, e entre províncias "ricas" e "pobres" a disparidade geral ultrapassa a relação de 3 para 1. A região costeira, com cerca de 37% da população, aumentou, entre 1987 e 1994, sua participação de 51 para 60% na renda nacional, de 60 para 67% na produção industrial e de nada menos que de 60 para 85% nas exportações. Estes aumentos concentraram-se no período entre 1990-94, portanto, nos anos de rápido aumento dos IED. Houve, de fato, uma ligeira diminuição entre 1987 e 1990, salvo o caso das exportações, o que se deduz que se acentuaram fortemente os aspectos desequilibrantes do crescimento na fase mais recente. As diferenças de renda entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres da população foram estimadas recentemente pelas Nações Unidas a uma relação de 6,5 para 1, semelhantes às de outros países asiáticos, porém maiores que na Coreia do Sul, na Índia e na Indonésia, ainda que muito inferiores às dos países latino-americanos. Tais diferenças teriam diminuído no período entre 1978-85 e logo aumentado significativamente. Os desequilíbrios entre as regiões costeiras e os interiores são semelhantes àqueles existentes entre a agricultura e a indústria. Alguns observadores pensam que estes desequilíbrios entre as regiões do Sul costeiro, sede das novas atividades industriais impulsionadas pelas reformas liberais e o pelo capital estrangeiro, e as do interior, relativamente estagnadas e mais agrícolas, ameaçam seriamente a unidade nacional. Por isso, no Ocidente supõe-se que essa unidade seja muito frágil. O sinólogo alemão Oskar Weggel salienta, por outro lado, as diferenças históricas entre ambas macro-regiões, caracterizadas por profundas distâncias (cultura "amarela" e cultura "azul"), sendo a costeira por tradição muito mais aberta às influências do exterior e aos intercâmbios comerciais com outros países. Este contexto explica, também, conjuntamente com outros fatores, o dinamismo de Hong Kong e de Taiwan, hoje imitados pelas regiões vizinhas das "zonas econômicas especiais" da China meridional. Uma das grandes preocupações chinesas, salientadas também no testamento de Deng Xiaoping, é o

futuro dos grupos étnicos minoritários que representam pouco mais de 5% da população total, mas que ocupam a metade ocidental do país, em particular Tibet e Xinjiang.

Fonte: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151029\\_china\\_bomba\\_demografica\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151029_china_bomba_demografica_cc). Acesso em: set. 2017.

Fonte: SUKUP, Viktor. A China frente a globalização: desafios e oportunidades. **Revista Brasileira de Política Internacional**. 2002. *In*: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73292002000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292002000200005)